

“Cinema nas Aldeias Xavante: ver, ouvir e debater” –
O cinema indígena como arma contra a discriminação e a
desinformação

“Cinema in the Xavante Villages: watch, hear and debate” -
Indigenous movies as an instrument against discrimination and
disinformation

“Cine en el pueblo Xavante: mirar, escuchar y debatir” - El cine
indígena como arma contra la discriminación y la desinformación

Maíra Ribeiro
maira.taqui@gmail.com

Gilson Moraes da Costa
gilcosta@gmail.com

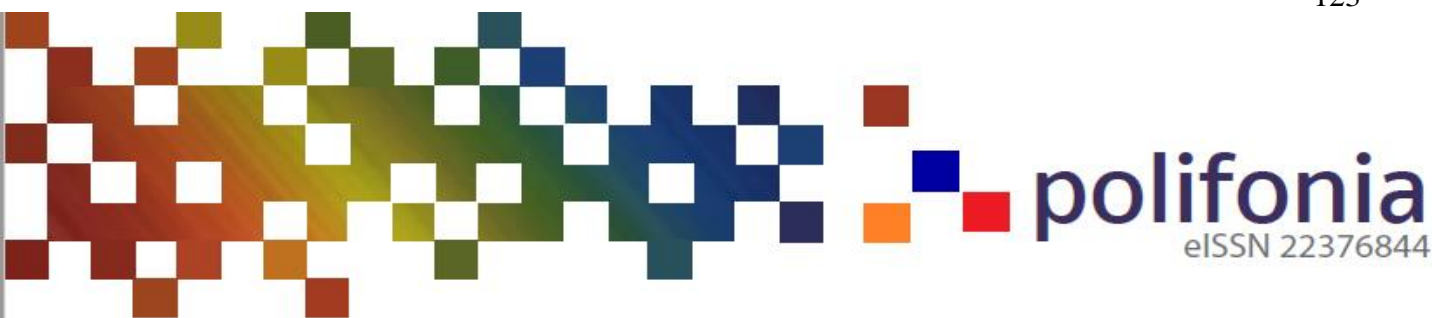
Resumo

Neste trabalho, apresentamos e analisamos a experiência chamada pública para a distribuição da caixa de filmes indígenas “Cinema nas Aldeias Xavante: ver, ouvir e debater”, proposta pela Coordenação Regional Xavante da Fundação Nacional do Índio em 2017. A caixa contém uma coletânea de 6 DVDs com 7 filmes indígenas, em sua maioria xavante, e foi produzida dentro do projeto de mesmo nome, realizado em 2015, que consistiu em sessões itinerantes de cinema em aldeias Xavante e distribuição de caixas para todas as escolas das nove Terras Indígenas Xavante no estado de Mato Grosso, com apoio do Museu do Índio. Em 2017, as caixas de DVDs excedentes foram disponibilizadas gratuitamente através de uma chamada pública para instituições interessadas em realizar atividades arte-educativas. Foram selecionadas 94 propostas de 78 municípios em 23 unidades federativas. O objetivo era difundir a produção audiovisual indígena, em particular do povo Xavante, numa ação que atingiu grande capilaridade espacial e diversidade de abordagens e públicos. A partir dos relatórios das instituições participantes, foi feito um estudo sobre esta ação e as potencialidades e fragilidades na construção de políticas públicas neste formato, visando promover espaços de reflexão e educação sobre a realidade indígena brasileira. Destacamos o uso da linguagem audiovisual como instrumento educativo contra a desinformação e o preconceito, e o grande alcance atingido por uma ação simples e de baixo custo.

Palavra-Chave: povo A’uwê-Xavante, cinema indígena, Lei nº 11.645/08.

Abstract

In this study, we present and analyze the experience of the public distribution of the indigenous films box “Cinema in the Xavante Villages: watch, hear and debate”, proposed by the Xavante Regional Section of Brazilian Indigenous Agency in 2017. In the box, there are 6 DVDs of 7 indigenous films, mostly



xavante, and it was produced in the project with the same name, in 2015, which consisted of itinerant cinema sessions in Xavante villages and distribution of boxes to all indigenous schools situated at the nine Xavante territories, supported by Museu do Índio (an indigenous people museum, in Brazilian Portuguese). In 2017, DVD boxes were available for free through a public selection of institutions interested in developing artistic-educational activities. 94 proposals were selected from 78 municipalities in 23 Federal Units. The objective was to spread indigenous audiovisual production, particularly the ones produced by or about the Xavante, in an action that reached great spatial coverage and diversity of approaches and audiences. This study was carried out based on the reports of the participating institutions, discussing the strengths and weaknesses in the construction of public policies in this format, aiming to promote spaces for reflection and education on the Brazilian indigenous reality. We highlight the use of audiovisual language as an educational tool against misinformation and prejudice, and the great scope achieved by a simple and low-cost action.

Keywords: A'uwẽ-Shavante, indigenous cinema, Law 11.645/08.

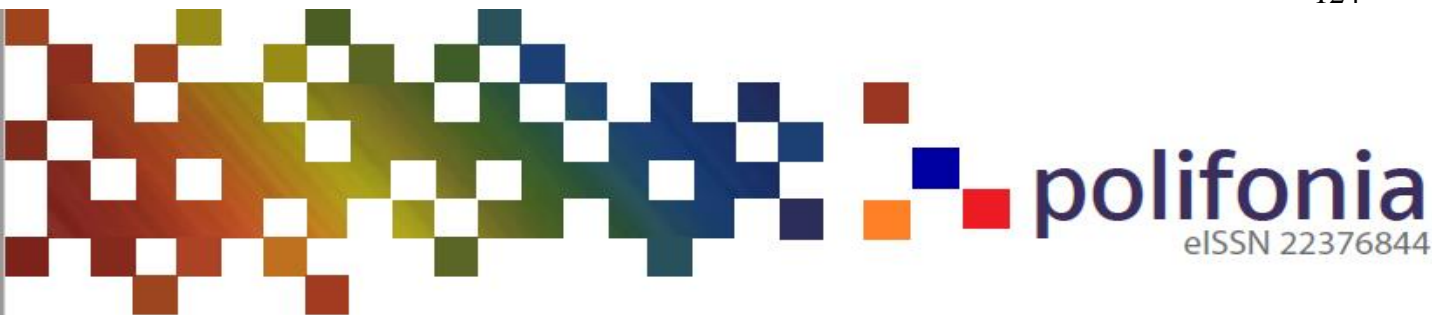
Resumen

En este trabajo, presento y analizo la experiencia de la convocatoria para distribución de la caja de películas indígenas “Cine en el pueblo Xavante: mirar, escuchar y debatir”, propuesta por la Coordinación Regional Xavante de la Fundación Nacional del Índio en 2017. La caja contiene 6 DVD con 7 películas indígena, producto del proyecto de mismo nombre en 2015, que consistió en sesiones itinerantes de cine en las aldeas Xavante y distribución de cajas a todas las escuelas en las nueve tierras indígenas Xavante, con apoyo del Museu do Índio. En 2017, los excedentes de cajas de DVD se pusieron a disposición de forma gratuita a través de una convocatoria pública para instituciones interesadas en realizar actividades educativas y artísticas. Se seleccionaron 94 propuestas de 78 municipios en 23 unidades federales. El objetivo era difundir la producción audiovisual autóctona, en particular del pueblo Xavante, en una acción que alcanzó una gran cobertura espacial y diversidad de enfoques y audiencias. Con base en los informes de las instituciones participantes, se realizó un estudio sobre esta acción, en el que se discuten las fortalezas y debilidades en la construcción de políticas públicas con este formato, con el objetivo de promover espacios de reflexión y educación sobre la realidad indígena brasileña. Destaco el uso del lenguaje audiovisual como herramienta educativa frente a la desinformación y los prejuicios, y el gran alcance logrado con una acción simple y de bajo costo.

Palabras-Clave: Pueblo A'uwẽ-Xavante, Cine indígena, Ley nº 11.645/08.

1. Introdução

O rápido desenvolvimento e popularização da tecnologia digital vem barateando custos e facilitando a operacionalização de equipamentos, resultando em maior acesso e apropriação da produção audiovisual por grupos sociais, até então, excluídos do processo criativo cinematográfico. No caso dos povos indígenas, ao longo das últimas décadas, sua produção audiovisual vem ganhando espaço com obras que abordam questões relevantes para a articulação política e cultural dos povos originários, num produto híbrido que



mistura a estética indígena e não indígena e a comunicação para dentro e para fora da comunidade (COSTA & GALINDO, 2018, p. 22). Neste sentido,

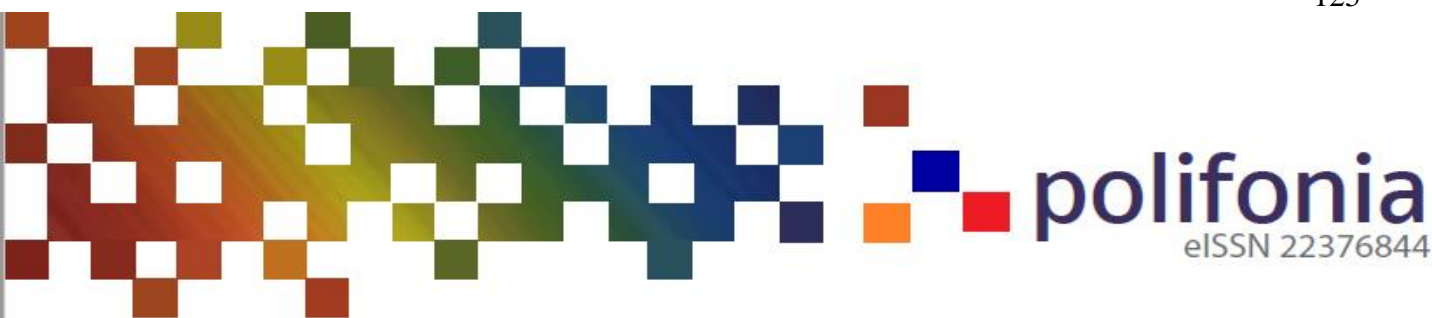
(...) as comunidades indígenas, como de resto todos os agrupamentos sociais ao longo da história, tiveram e tem os seus modos de vivenciar e de transmitir suas culturas. Lançar hoje mão de aparatos digitais e eletrônicos de comunicação para documentar suas histórias e culturas é tanto um esforço de preservação e propagação, como de intervenção na própria cultura. (JESUS & MOREIRA, 2018, p. 82-83)

O povo Xavante, que se autodenomina A'uwẽ Uptabi (livremente traduzido como *povo autêntico*) e soma, aproximadamente, 21.300 habitantes, residentes no leste mato-grossense, vem utilizando esta ferramenta há décadas. Segundo o relato da pesquisadora Severiá Idioriê, ao rememorar as primeiras experiências com o audiovisual entre os Xavante, “as filmagens serviram para que a própria comunidade se visse e se avaliasse” (IDIORIÊ, 2018, p. 107). A autora, ainda, ressalta que esse processo de autorreflexão por meio da imagem se dava, majoritariamente, através do registro de rituais e de atividades cotidianas do modo de ser xavante. Ao mesmo tempo, esses registros possibilitaram que outros indígenas e não indígenas conseguissem acessar o seu modo de vida e sua visão de mundo através de narrativa própria, sem interlocutores (*idem*). O aprendizado e aprimoramento das técnicas por parte dos cineastas xavante têm, conseqüentemente, proporcionado maior acesso e divulgação destas produções para o público não indígena.

Caimi Waiassé e Divino Tserewahú são dois dos mais experientes cineastas xavante. Tserewahú afirma que “para o povo Xavante, o cinema é uma memória”, enfatizando o caráter de registro e documento que esta ferramenta tem para este povo (TSEREPTSÉ, 2016). Sobre a apropriação de novas tecnologias, Waiassé relata que:

Os velhos indígenas sabem que a cultura é dinâmica e sempre falam que a nova geração vai ter de lidar com as coisas novas que chegam e também com aquilo que nos limita [...] Já na época do Mário Juruna Xavante com seu gravador, ele deixou bem claro que a máquina chegou para servir de aliado. (WAIASSÉ *in* RIBEIRO, 2016, n.p.).

Dentre as estratégias de luta por direitos, o cinema passa a ser um “dispositivo central da afirmação cultural dos povos indígenas” junto à sociedade não indígena

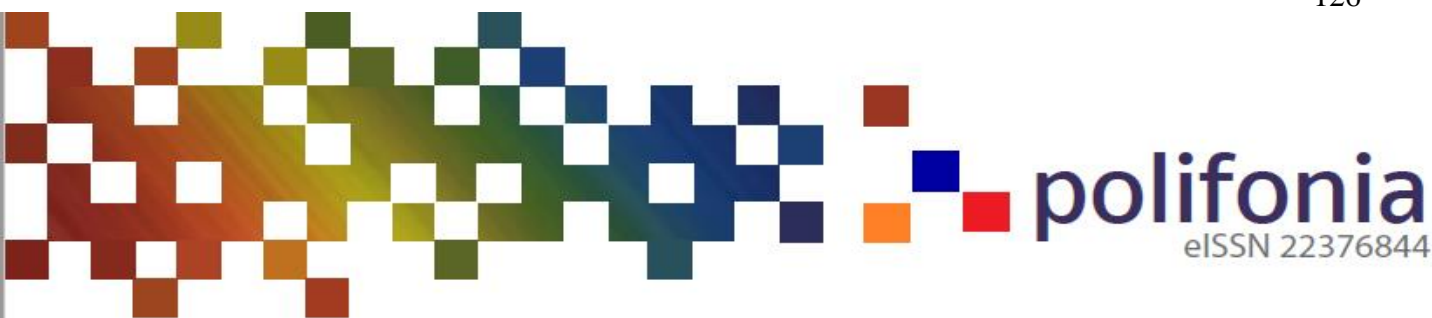


(COSTA & GALINDO, 2018, p. 21). Uma dessas lutas é travada no âmbito ideológico, da construção de discursos e concepções sobre o outro. O racismo contra os povos indígenas ainda é amplamente presente na sociedade brasileira. Se por um lado é um racismo implícito e generalizado, por outro, é também um racismo aberto e expresso por declarações públicas de governantes, jornalistas e outros formadores de opinião, como apontam Milanez et al. (2019, p. 2168). Nas escolas, isso não é diferente. Daniel Munduruku afirma que a concepção do “índio” como uma figura genérica que deve ser integrada à sociedade perpassa por diferentes setores da sociedade e vem sendo “repetida à exaustão nos livros didáticos fartamente distribuídos às escolas primárias e secundárias, disseminando uma mentalidade negativa sobre nossos povos” (MUNDURUKU, 2012, p. 223).

Como resultado, é notável a invisibilidade dos povos indígenas nos conteúdos didáticos do ensino regular e a dificuldade em desenvolver atividades escolares a partir desse tema de forma crítica e continuada. Em geral, o tema é relegado a um dia específico cercado de comemorações superficiais que reproduzem estereótipos.

Um dos principais artifícios legislativos que busca reverter esse quadro é a Lei 11.465. Aprovada em 2008, essa lei obriga a inclusão das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas no currículo da educação básica. Trata-se de um importante avanço no sentido de revisão da história do Brasil e para caminhar rumo a uma educação que preze a diversidade cultural. Porém, a lei é vaga sobre como devem ser abordados conteúdos tão abrangentes, num contexto em que não só as matrizes curriculares como a própria organização escolar ainda são rígidas e segmentadas. Além disso, ao reunir dois grupos bastante distintos numa mesma determinação, há uma tendência de que as escolas trabalhem um conteúdo em detrimento do outro, em que na maioria dos casos, opta-se pela cultura afro-brasileira (EICHHOLZ & GRANDO, 2014, p. 27).

Neste estudo, abordamos a potencialidade do cinema indígena como instrumento arte-educativo que ultrapassa o universo da sua comunidade e ganha capilaridade entre diferentes setores da sociedade envolvente. Procuramos, com essa metodologia, apresentar e analisar uma experiência, da qual participamos, que consistiu na distribuição



de caixas com filmes indígenas, em especial do povo Xavante, para instituições comprometidas em realizar atividades arte-educativas com esse material.

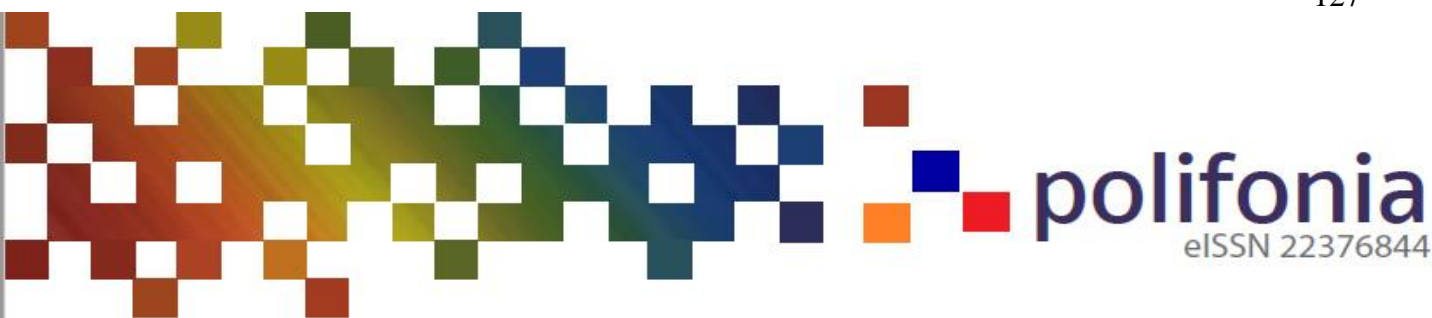
A partir dos relatórios das atividades desenvolvidas, tecemos algumas reflexões e considerações sobre o uso e apropriação do audiovisual pelos povos indígenas, especificamente, como instrumento contra o preconceito e a desinformação, e sobre as possibilidades e fragilidades de construção de políticas públicas neste sentido.

2. O projeto Cinema nas Aldeias Xavante

2.1 Cinema como meio de fortalecer laços e gerar reflexão

Em 2015, quando uma das autoras deste artigo trabalhava na Coordenação Técnica Local (CTL) da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Nova Xavantina/MT, foi lançada a chamada anual interna para projetos culturais do Museu do Índio, inserida no Programa de Promoção do Patrimônio Cultural dos Povos Indígenas. A oportunidade de propor um projeto cultural com os Xavante se apresentou como uma faísca de possibilidades em meio à angústia frente à impotência, consequente das limitações estruturais daquela Coordenação. As CTLs são as unidades mais descentralizadas do órgão e atendem diretamente às comunidades indígenas. Na prática, a estrutura deficitária e sem autonomia cria uma relação de descrédito pelas comunidades, resultante da pouca efetividade das respostas que essas unidades descentralizadas conseguem dar às demandas e da dificuldade de realizar um trabalho continuado.

Estava claro que o objetivo central da proposta para o edital se relacionaria com o desafio de propor, dentro da rigidez do órgão indigenista federal, práticas de vivência cultural e aprendizado conjunto com as comunidades envolvidas. Neste sentido elegemos o cinema como instrumento com o potencial de abrir espaços tanto de autorreflexão como para fortalecer laços intersocietários. Além disso, ao longo dos anos de trabalho junto com os Xavante, ficou perceptível que a maioria das comunidades não tinha acesso à vasta produção audiovisual que existe sobre o seu povo.



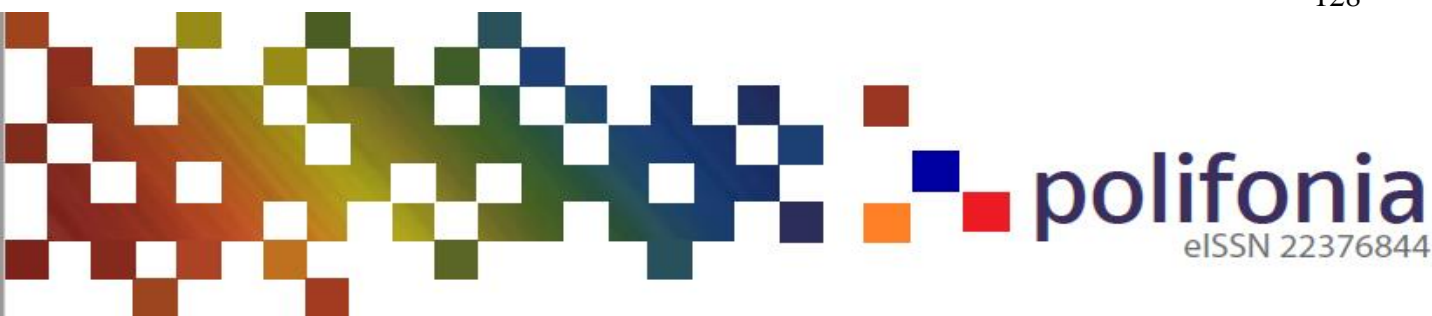
A partir dessas premissas, iniciou-se a construção do projeto “Cinema nas Aldeias Xavante: ver, ouvir e debater”, com apoio do Museu do Índio. Com baixo orçamento, a ação propiciou noites de exibição de filmes em 12 aldeias em Terras Indígenas (TI) Xavante. Em parceria com as escolas indígenas, o projeto também realizava atividades educativas, dando continuidade às discussões presentes nas obras apresentadas. Na aldeia Parabubure, localizada na TI de mesmo nome, no município de Campinápolis (MT), por exemplo, tivemos, nesse espaço, o privilégio de ouvir o cacique Celestino Tsererob’ö. Em meio às crianças da escola, o ancião contou a sua história de vida, desde antes do contato com a sociedade envolvente. Também relatou o massacre sofrido na juventude, a fuga para a missão salesiana, o retorno para o território original e a luta pelo reconhecimento legal daquela terra pelo Estado brasileiro.

Para que a ação não se resumisse às 12 aldeias visitadas, foram produzidos 500 exemplares de uma caixa contendo alguns dos filmes exibidos. Foram escolhidas 7 produções audiovisuais entre curta, média e longa-metragem em 6 DVDs que traziam diferentes aspectos da vida xavante, buscando diversificar tanto os temas tratados quanto as datas de realização e as Terras Indígenas onde foram filmadas (ver Quadro 1). Destes filmes, somente um não era específico sobre o povo Xavante, apresentando a luta política dos povos indígenas pela garantia dos seus direitos. A reprodução dos filmes nas caixas foi autorizada formalmente por seus diretores e produtores para uso não comercial e distribuição gratuita nas aldeias.¹

Quadro 1. Filmes inclusos na coletânea “Cinema nas Aldeias Xavante” indicando a Terra Indígena onde foram filmados.

DVD 1	A’uwê Uptabi – O Povo Verdadeiro (32”, Brasil, 1998) Direção: Angela Pappiani, Belisário Franca, Cristina M. Simões Flória, Jurandir Siridiwê Xavante Roteiro: Angela Pappiani Produção: Núcleo de Cultura Indígena	TI Pimentel Barbosa
DVD 2	Piõ Höïmanazé – A Mulher Xavante em Sua Arte (52”, Brasil, 2008)	TI Pimentel Barbosa

¹ Posteriormente, com a distribuição para instituições não indígenas, foi realizado novo contato com os diretores e produtores, solicitando nova autorização e comunicação sobre a continuidade das ações.



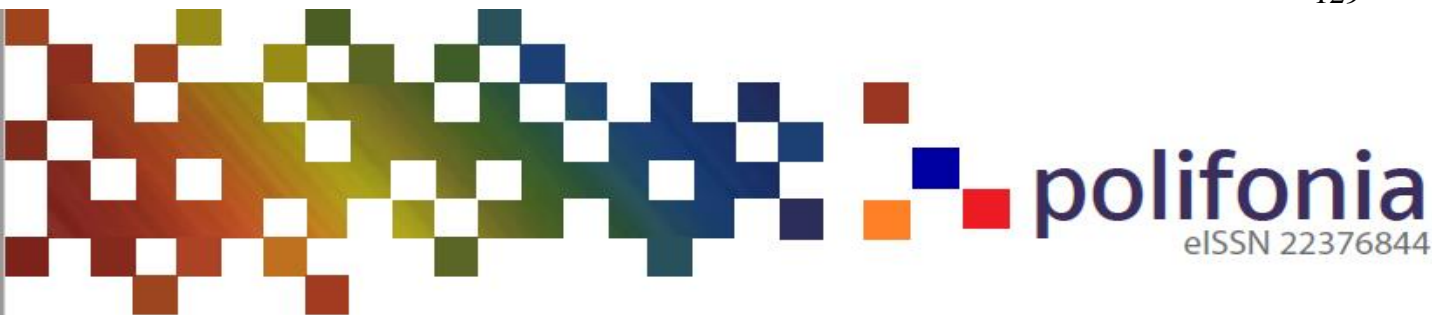
	Direção: Cristina Flória Roteiro: Cristina Flória Co-Produção: A 2.0 Produções Artísticas e SescTV Parceria: Associação Xavante de Etenhiritipá	
DVD 3	Tsõ'rehipãri – Sangradouro (28", Brasil, 2009) Direção: Divino Tserewahú, Amandine Goisbault e Tiago Campos Torres Roteiro: Amandine Goisbault e Vincent Carelli Realização: Vídeo Nas Aldeias	TI Sangradouro
DVD 4	Índio Cidadão? (52", Brasil, 2013) Direção: Rodrigo Arajeju Roteiro: Rodrigo Arajeju e Sérgio Azevedo Realização: 7G Documenta, Machado Filmes, Argonautas, 400 Filmes e Base Audiovisual	
DVD 5	Homem Branco em Marãiwatsédé (12", Brasil, 2011) Direção e Roteiro: Marcelo Bichara Produção: Marcelo Bichara, Eloy Figueiredo e Márcio Costa A Terra Não Termina (15", Brasil, 2012) Direção, Roteiro e Produção: Marcelo Bichara	TI Marãiwatsédé
DVD 6	Uma Casa Uma Vida (24", Brasil, 2013) Direção: Rodrigo Soares, Edu Ioschpe, Eligiano Tsa'amri, Romário Tseretiöiri, Piedade Rênêwê, Jorge Pemrã Roteiro: Alexandre Lemos, Rodrigo Soares, Edu Ioschpe Realização: Raiz das Imagens e Comunidades Xavante da Aldeia Ripá e Belém	TI Pimentel Barbosa

Em 2016, as caixas foram distribuídas para as escolas indígenas, estaduais e municipais, de todas as terras indígenas xavante². A entrega da coletânea às escolas ficou sob responsabilidade das Secretarias Municipais de Educação e pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Foram enviadas caixas, também, para instituições reconhecidas pelo trabalho junto com o povo Xavante e a outras etnias, como a Prelazia de São Félix do Araguaia e a Operação Amazônia Nativa (OPAN)

Naquele mesmo ano, foi proposta uma nova ação cultural para o Museu do Índio, dando continuidade a esse projeto. Essa nova etapa culminou na realização da I Mostra de Cinema Xavante,³ que ocorreu em Barra do Garças, de 30 de novembro a 2 de dezembro de 2016, com a coordenação indígena do realizador audiovisual Divino Tserewahú (FUNAI, 2016). A mostra contou com a parceria do Núcleo de Produção

² As Terras Indígenas (TI) xavante estão todas localizadas em Mato Grosso e são: TI Marechal Rondon (no município de Paranatinga), TI Sangradouro/Volta Grande (General Carneiro, Poxoréo e Novo São Joaquim), TI São Marcos (Barra do Garças), TI Parabubure, TI Chão Preto e TI Ubawawe (Campinápolis e Santo Antônio do Leste), TI Areões/Areões I/Areões II (Nova Nazaré e Água Boa), TI Pimentel Barbosa (Canarana e Ribeirão Cascalheira, TI Wedezé (Cocalinho) e TI Marãiwatsédé (Bom Jesus do Araguaia, Alto Boa Vista e São Félix do Araguaia).

³ Para saber mais, ver site do evento: <https://cinemaxavante.wixsite.com/mostra2016>



Digital (NPD), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Campus Universitário Araguaia, que veio a tornar-se um importante parceiro, assim como o cineasta Tserewahú, nas atividades de fortalecimento da produção audiovisual xavante que tomaram forma posteriormente.⁴

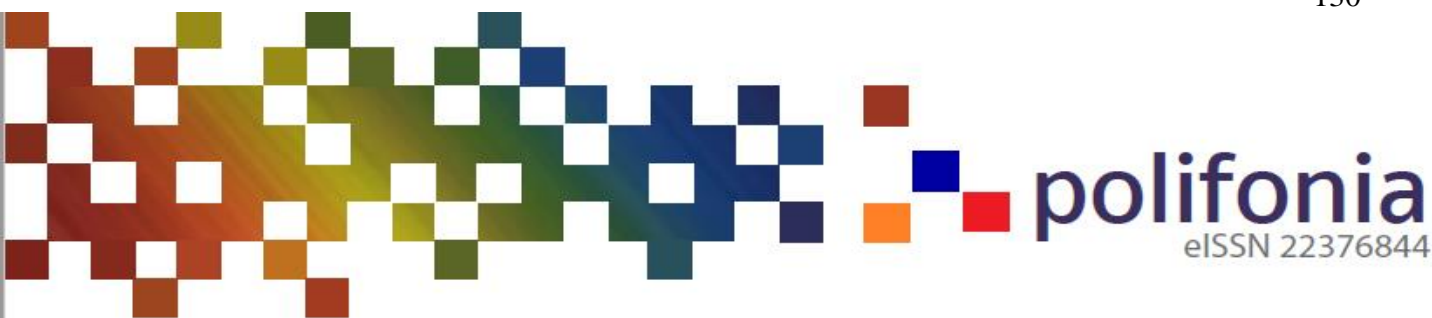
Em 2017, não houve chamada de projetos culturais pelo Museu do Índio. Havia, porém, uma quantidade considerável de caixas estocadas, ao mesmo tempo em que diversas instituições e pessoas solicitavam a doação do material. A experiência aqui relatada surgiu como uma forma de criar critérios para a distribuição de caixas para além das comunidades xavante através de uma ação programada.

2.2 Chamada para aquisição gratuita da caixa de DVDs com filmes indígenas

Foi realizada uma chamada pública que visava disponibilizar gratuitamente 70 exemplares da caixa de DVDs “Cinema nas Aldeias Xavante” para instituições interessadas em organizar atividades arte-educativas, com o objetivo de difundir a produção audiovisual indígena, em particular do povo Xavante, visando promover espaços de reflexão e educação, e corroborando para a desconstrução de preconceitos e desinformação sobre a realidade indígena brasileira.

As instituições foram selecionadas por chamada pública divulgada na página da Funai (2017a). Podiam se inscrever grupos e instituições, de caráter público ou privado, sediadas no Brasil, mesmo aquelas que não estavam constituídas formalmente, que deveriam fazer uso do material sem fins lucrativos e comerciais. Era requisito para a inscrição que o proponente apresentasse ao menos uma ação usando o material da caixa

⁴ Nos anos seguintes, foram propostas novas ações de promoção e fortalecimento da produção audiovisual xavante, contando com o apoio do Museu do Índio e em parcerias com indígenas e com o NPD. Em 2018, foi feito um curso de formação em cinegrafia e edição de vídeo para dez filmadores xavante de quatro terras indígenas. Em 2019, estes fizeram o registro do ritual de iniciação nas aldeias e foi aprovado o projeto para a finalização de um documentário audiovisual a partir das filmagens realizadas. Este documentário será produzido em parceria com os indígenas, o Núcleo de Produção Digital e a produtora contratada. Em virtude da pandemia de Covid-19, os trabalhos estão temporariamente suspensos.

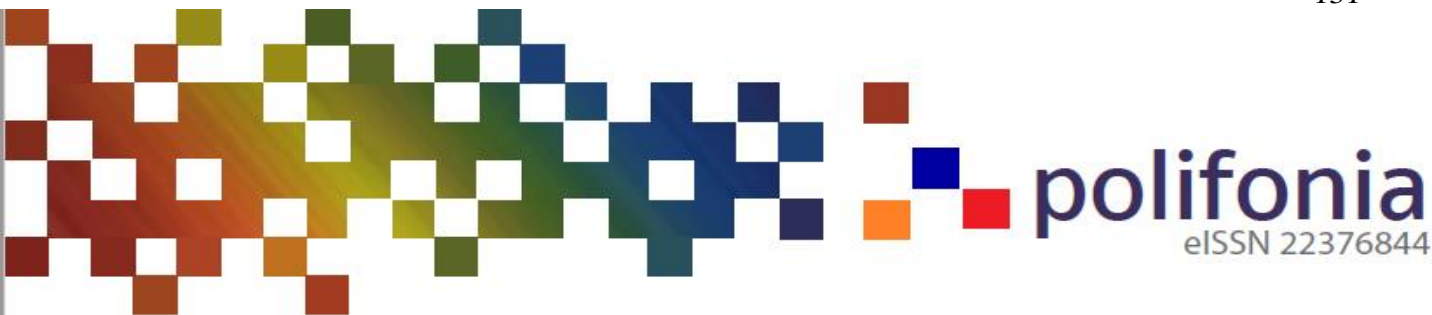


nos primeiros doze meses. Como o projeto não contava com recursos financeiros, as instituições também deveriam se responsabilizar pelos custos do envio da caixa.

A chamada definia prioridade para as propostas de instituições dedicadas diretamente à questão indígena, como organizações indígenas e indigenistas, e daquelas localizadas na mesorregião leste mato-grossense (Xingu-Araguaia) e em Mato Grosso. No processo de seleção, também, foram priorizadas propostas que figuravam como únicas candidatas em seus respectivos estados de origem.

Recebemos 172 propostas, encaminhadas por instituições tão diversas que abrangiam, por exemplo, prefeituras, grupos de escoteiros e associações indígenas. A maior parte, entretanto, era de centros culturais e instituições públicas de ensino, principalmente de nível técnico e superior. Aumentamos o número de entidades selecionadas para 94, ante as 70 previstas, atendendo, dessa forma, 78 municípios de 23 unidades federativas (FUNAI, 2017b). As caixas começaram a ser enviadas no início do segundo semestre de 2017. Solicitou-se que as instituições enviassem um Relatório de Atividades (não-obrigatório) até um mês após o término destas, de modo que nos permitisse compreender a abrangência e efetividade das ações realizadas com o conteúdo das caixas de DVDs.

Das instituições selecionadas, a maior parte contemplava Universidades Públicas (27) e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (10). Contrariando as expectativas iniciais, houve pouca procura por organizações indígenas e por instituições dos municípios da região do vale do Araguaia, mais próximos das comunidades xavante. Das dez propostas de Mato Grosso, todas selecionadas, somente quatro propostas eram do vale do Araguaia, todas do município de Barra do Garças. Vale lembrar, entretanto, que boa parte das secretarias municipais de educação, assessorias pedagógicas e organizações indigenistas na região já tinham recebido a caixa anteriormente. De comunidades indígenas, foram recebidas somente quatro propostas e duas de escolas públicas indígenas, todas elas selecionadas. Avaliamos que isso provavelmente ocorreu porque muitos grupos indígenas possuem dificuldade de acesso a computador e internet



para tomar conhecimento da chamada e conseguir organizar o envio da proposta, mesmo numa chamada simplificada como esta.

A maior parte das propostas selecionadas envolvia mostras de cinema, formação de educadores, cursos de extensão, atividades curriculares escolares e cinema itinerante, com o formato de sessões audiovisuais seguidas de debate. Nas instituições de educação infantil e fundamental, as propostas eram mais diversificadas, envolvendo palestras e atividades artísticas como pintura, dança ou culinária. Na Figura 1, apresentamos um mosaico com alguns cartazes de divulgação das atividades desenvolvidas nos diferentes locais.

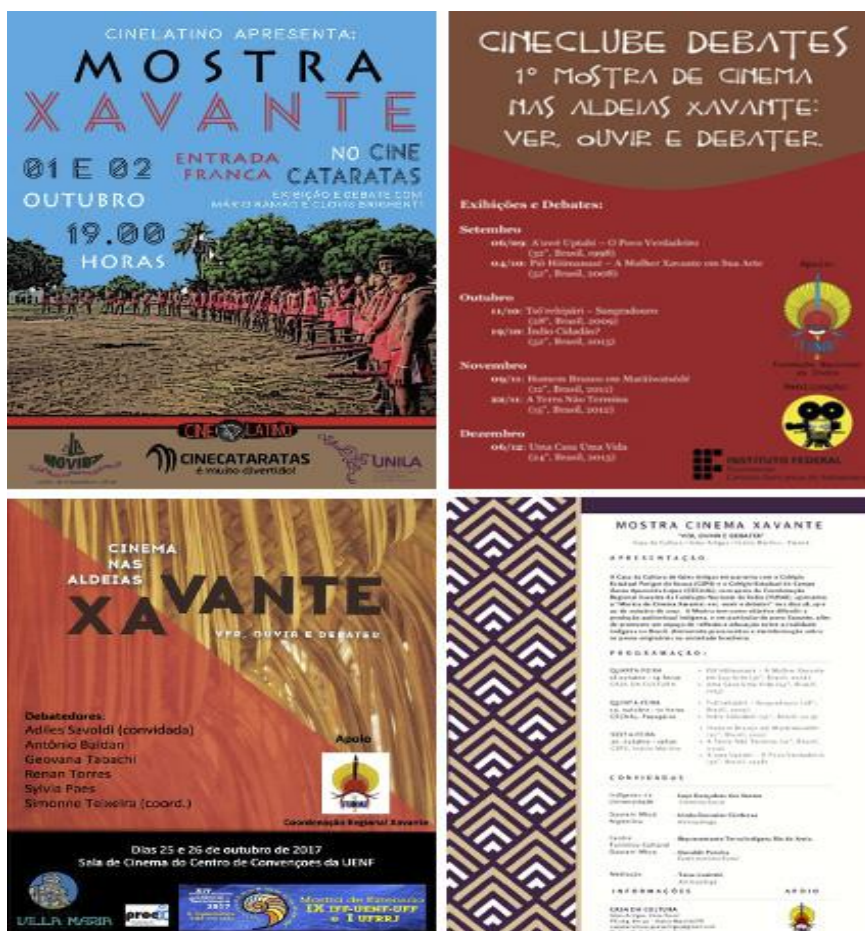
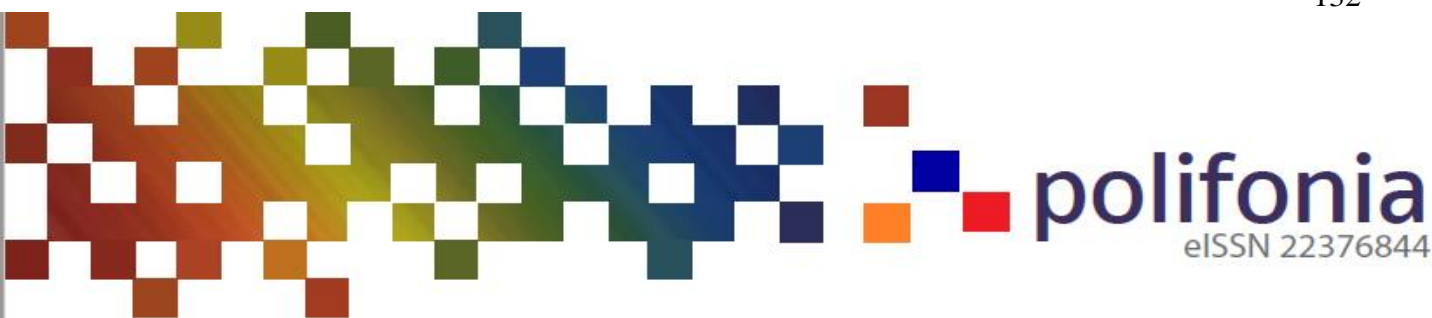


Figura 1. Cartazes de divulgação das atividades propostas pela Unila em Foz do Iguaçu/PR (esq. superior), IFF em Bom Jesus do Itabapoana/RJ (dir. superior), UENF em Campos dos Goytacazes/RJ (esq. inferior) e Casa de Cultura Goes de Artigas em Inácio Martins/PR (dir. inferior).



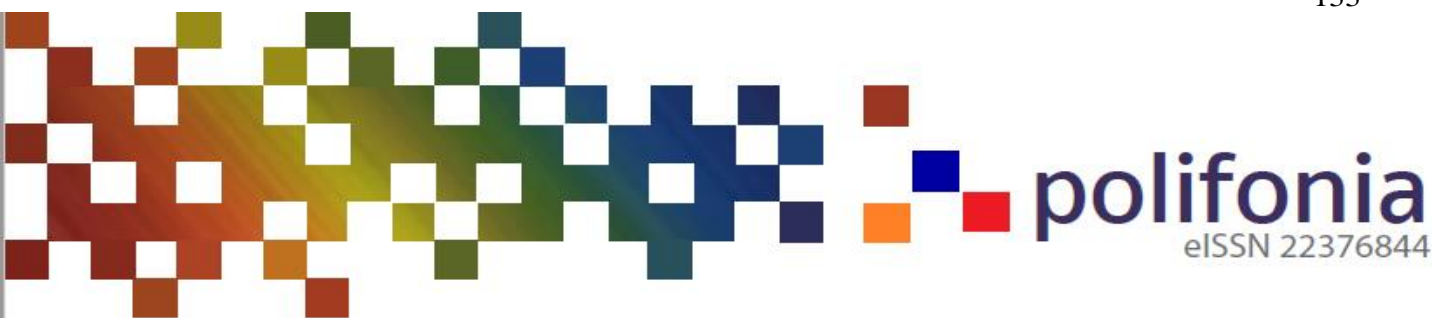
Alguns proponentes mantiveram contato constante com a Funai ao longo do processo, consultando sobre o planejamento e enviando cartazes de divulgação e fotos dos eventos realizados. Por outro lado, uma boa parte das instituições não deu retorno sobre as atividades realizadas. Por fim, foram enviados 27 Relatórios de Atividades. Estes relatórios deveriam especificar quais atividades foram feitas, incluindo informações como os locais de exibição, os municípios, as instituições participantes e o número de participantes. Além disso, os proponentes deveriam relatar quais foram os aprendizados e as dificuldades, bem como possíveis desdobramentos futuros.

Para este artigo, os relatórios foram lidos e analisados, principalmente no sentido de mapear os aprendizados e dificuldades, e verificar narrativas comuns nas diferentes avaliações apresentadas. Considerando a riqueza de alguns relatos, priorizamos transcrever citações diretas dos relatórios para as considerações apresentadas.

3. Cinema como ferramenta educativa

A partir das análises e sistematizações realizadas nos relatórios enviados, foi possível constatar que, em sua maioria, as atividades envolviam espaços de ensino formal, como escolas e universidades. Mesmo as ações propostas por centros culturais e coletivos, estes buscaram parcerias com escolas para realizar as atividades. Por um lado, as escolas têm interesse em promover atividades arte-educativas, bem como precisam incluir a história e a cultura indígenas em seus currículos, para cumprir a Lei nº 11.645. Por outro lado, a parceria com um espaço de ensino formal facilita a divulgação e a formação do público para as exposições.

Dentre a diversidade das ações realizadas, destacamos a proposta da Mostra de Cinema Xavante, apresentada pelo Instituto Federal Fluminense (IFF), Campus de Bom Jesus de Itabapoana (RJ). O projeto contou com o envolvimento de 5 instituições e 19 pessoas na equipe organizadora, das quais 17 eram docentes. Ao final, das 7 exposições programadas, a mostra itinerante contou com 13 sessões e a produção de um documentário final sobre a experiência. No ano seguinte, houve a continuidade do projeto



com uma Mostra de Cinema Indígena, a qual tivemos a oportunidade de participar na etapa em Macaé (RJ). Desde o planejamento, tivemos um diálogo constante sobre a formulação da programação e andamento das atividades.

Uma das principais dificuldades apontadas por seu relatório, porém, foi a urgente necessidade de novas abordagens metodológicas para dar conta da temática indígena nas escolas:

As sessões de discussão revelaram aspectos, noções e preconceitos enraizados num forte senso comum sobre os povos indígenas por parte dos alunos e demais participantes das sessões, o que despertou certo sinal de alerta e preocupação. Enquanto educadores, nos incluímos como alvo da reflexão, problematizando nossas práticas e apontando possíveis medidas que favoreçam uma transformação metodológica. Nesse sentido, tornou-se evidente a necessidade da escola como um todo (e não somente os docentes) pensarem o modo como abordam as temáticas indígenas.⁵

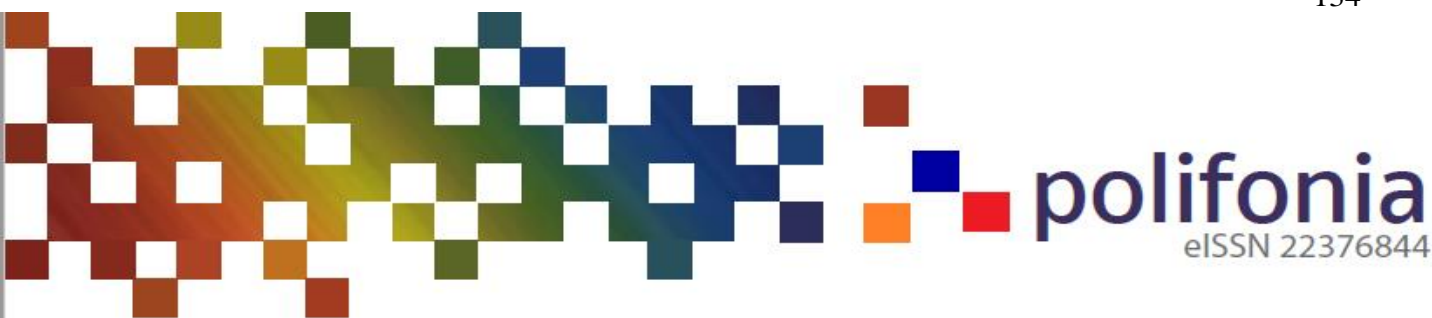
A dificuldade foi compartilhada pela proponente da Escola Estadual Magno Claret, de Pedro Leopoldo (MG):

Senti que me falta leitura e mais conhecimento para desenvolver didáticas pontuais que viessem a quebrar com alguns estigmas vindos de uma mentalidade colonialista e preconceituosa das/os estudantes para com os povos indígenas. Espero sinceramente que meu singelo trabalho na escola tenha semeado um outro olhar da moçada para a riqueza e diversidade dos povos indígenas.⁶

Em Rondonópolis (MT), a Coordenadoria de Diversidade Educacional usou a coletânea de filmes xavante para a capacitação de profissionais da educação estadual no município, visando aplicar a Lei nº 11.645. Esse fato atesta a contribuição do audiovisual como ferramenta auxiliar no processo de aperfeiçoamento pedagógico, mesmo entre pessoas que ocupam funções de formação. Partindo desse princípio, o contato com os vídeos disponibilizados no projeto pode ser a ponta de uma cadeia de aprendizado que percorre diferentes âmbitos do universo institucional no ambiente escolar.

⁵ Relatório de ações apresentado pelo IFF – campus de Bom Jesus de Itabapoana (RJ).

⁶ Relatório de ações apresentado pela Escola Estadual Magno Claret, de Pedro Leopoldo (MG).



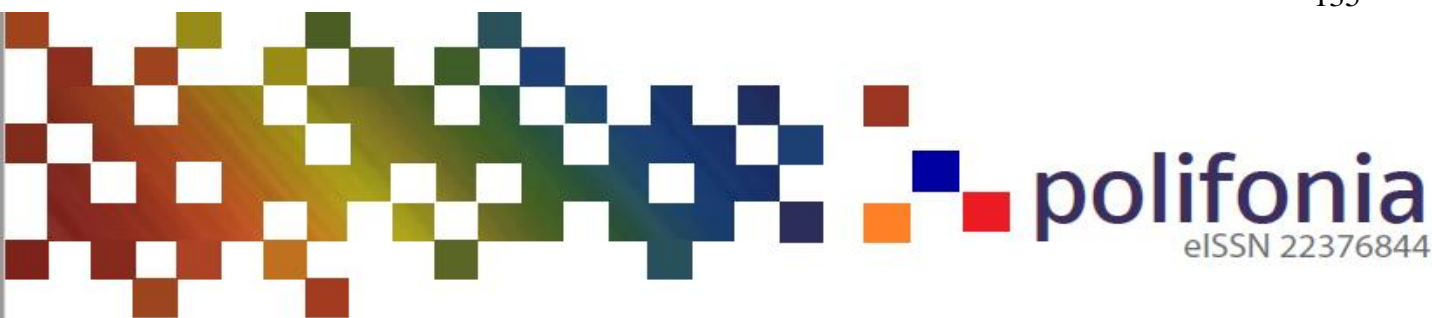
3.1 Cinema como arma contra a desinformação e o preconceito

Foi comum o relato de desinteresse e apatia dos estudantes frente ao tema proposto e de público abaixo do esperado nas sessões. O relatório da Faculdades Integradas de Ourinhos (SP) apontou que “a maior dificuldade que tivemos na organização do evento foi explicar aos alunos a importância das discussões como a que propúnhamos, assim como a importância da participação deles em eventos fora da sala de aula”.⁷ Já no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul, Campus Naviraí, foi relatada a resistência ao tema, mas esta dissipou-se depois que os estudantes assistiram ao documentário.

Não nos causa espanto os relatos acerca da falta de interesse em temas que envolvam povos originários. Historicamente, a representação social destes povos foi construída a partir de uma visão preconceituosa e estereotipada, reproduzida, em grande medida, pelo próprio Estado brasileiro, interpelado pelo modo como se deu a colonização. A maioria dos relatórios explicita o grande desconhecimento sobre a realidade indígena, seja por parte do público – especialmente os estudantes –, mas também pelos próprios organizadores – em sua maioria professores. Conforme o relatório do Instituto Federal Fluminense, de Bom Jesus de Itabapoana, “para muitos, os documentários foram marcantes ao ponto de admitirem não saber absolutamente nada sobre a cultura e existência dos povos originários”.

O trabalho realizado na Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Carmine Botta, de São Carlos (SP), explorou uma diversidade de linguagens arte-educativas, além do cinema, como o estudo e apreciação da literatura e musicalidade indígena. Ao final do projeto, os alunos escreveram narrativas esperançosas que demonstram como o acesso à informação pode desconstruir, paulatinamente, noções equivocadas a respeito das populações indígenas. O relato a seguir foi escrito por uma aluna do 9º ano do ensino fundamental:

⁷ Relatório de ações apresentado pelas Faculdades Integradas de Ourinhos, de Ourinhos (SP).



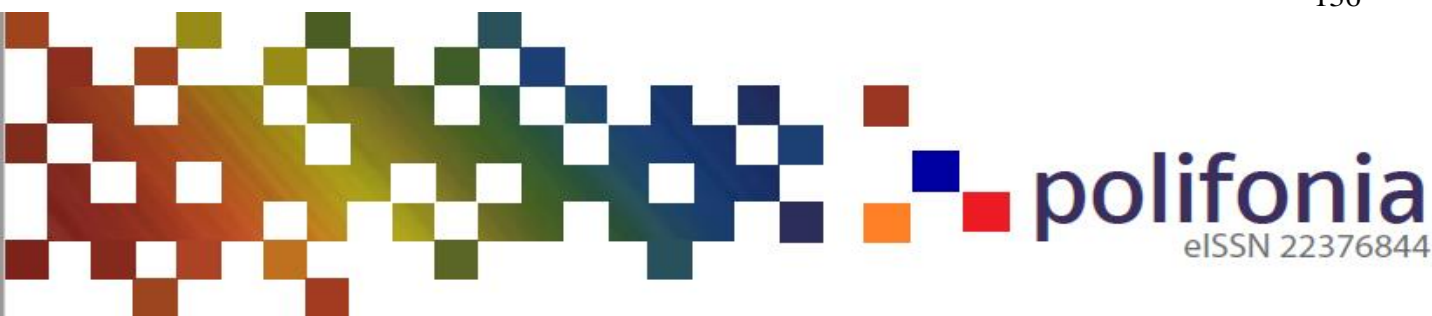
Aprendi bastante sobre a cultura indígena, que foi bem diferente das outras culturas e não sabia de muitas coisas, por exemplo, sobre os índios lutando pelos seus direitos e como eles aprendem. Senti que era ignorante em relação a cultura, embora eu já tinha visto alguns instrumentos, comidas, entre outros em viagens passadas.⁸

O Centro Educacional Infantil Pingo de Gente, em Curitiba (PR), assumiu o desafio de realizar atividades educativas de primeiro contato com os povos indígenas para crianças de até cinco anos sem cair em estereótipos. Já na atividade proposta pela Casa de Cultura Villa Maria, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), em Campos dos Goytacazes (RJ), foi avaliado que “o resultado dos debates apresenta um forte fator de multiplicação. Dentre alguns estudantes, escutamos comentários que ressaltavam a oportunidade de ter contato com o tema, pois nunca haviam tido oportunidade de refletir sobre a questão indígena”.⁹ Se os indígenas “compreendem a sétima arte em seu amplo sentido, como um discurso sobre história e memória e como linguagem e imaginário na construção de cenários futuros” (VALENTE, sem data), o registro de imagem e som tem o potencial de gerar empatia e reflexão crítica para além das aldeias.

É evidente que a apatia e a falta de informação sobre os povos indígenas por parte da população brasileira, em geral, andam juntas com o racismo e o preconceito. Estes, por sua vez, são a base da violência e indiferença, justificadas pelo processo de desumanização do outro (LIMA et al., 2016, p. 226). Os povos indígenas são ora entendidos como selvagens e irracionais, “personagens folclóricos, com uma existência presa no passado”, como bem colocado no relatório do IFF de Bom Jesus de Itabapoana, ora como bêbados, pobres e marginais. A própria discussão sobre por que seria importante e interessante assistir a um filme de “índio” é reflexo desta indiferença, mas pode ser compreendida, também, como um passo dentro de um processo contínuo e demorado de desconstrução de preconceitos enraizados em nossa sociedade. Ou nas palavras do relatório da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em Santarém (PA).

⁸ Relatório de ações apresentado pela EMEB Carmine Botta, de São Carlos (SP).

⁹ Relatório de ações apresentado pela UENF, de Campos dos Goytacazes (RJ).



Trazer essa discussão para o meio acadêmico foi uma forma de eliminar a invisibilidade social que atinge essa população e desromantizar conceitos erroneamente postos de que índio só é índio quando caça e pesca. Os filmes exibidos nos mostram a autodeterminação desse povo, seus ritos e costumes, além de sua constante luta em um país sem políticas públicas e com pouca tolerância para com essas populações marginalizadas.¹⁰

O acesso às narrativas nas quais os próprios indígenas foram agentes de sua construção, aliados à potência do audiovisual enquanto instrumento de comunicação, possibilitou um novo olhar sobre os povos indígenas, desconstruindo preconceito e o estereótipo do índio genérico. Os poucos filmes, em seu processo de contato com o público, demonstraram a diversidade e riqueza sociocultural que caracteriza os povos indígenas, abrindo novas possibilidades para pensar a importância dessa população na constituição histórica e contemporânea do Brasil enquanto estado-nação.

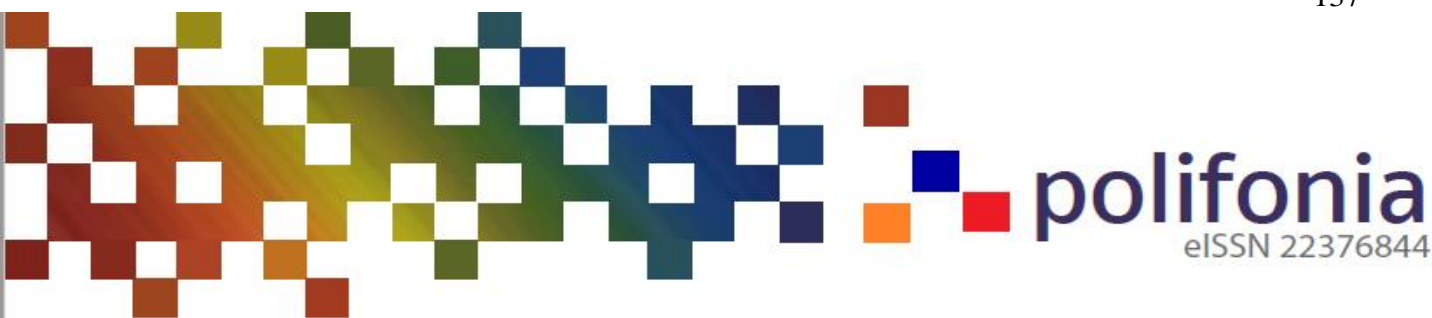
3.2 Cinema como suporte para discutir política e território

Por fim, mas não menos relevante, alguns relatórios evidenciaram como a coletânea de filmes despertou o debate sobre a relação conflituosa dos indígenas com o Estado e a sociedade envolvente. Essa discussão está presente no processo histórico dessa relação, como sensivelmente apresentado no filme *A'uwẽ Uptabi – O Povo Verdadeiro*. No debate promovido pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Direito Socioambiental (CEPEDIS), vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba (PR):

[...] chamaram a atenção as imagens do arquivo histórico dos primeiros contatos com o 'homem branco' e um diálogo que nos possibilitou visualizar a reação do povo Xavante ao observar a tecnologia do avião. Por fim, ficou muito evidente a luta do Povo Xavante para preservar seus direitos socioambientais.¹¹

¹⁰ Relatório de ações apresentado pela UFOPA, de Santarém (PA).

¹¹ Relatório de ações apresentado pelo Cepedis/PUCPR, de Curitiba (PR).



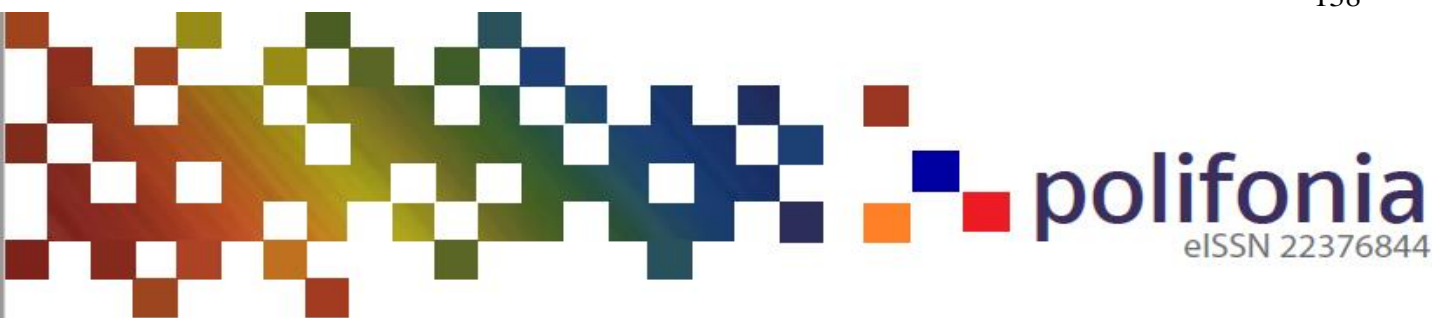
O relatório refere-se a uma sequência do filme que sobrepõe depoimentos de anciãos Xavante sobre as memórias dos primeiros contatos, com imagens filmadas pelo avião que sobrevoava as aldeias xavante ainda não contatadas.

O debate pode também ser ampliado a partir dos processos vivenciados por outras comunidades, que encontram nos filmes exibidos histórias que inter-relacionam as diferentes experiências de lutas pelo direito e permanência no território tradicional. Em Florianópolis (SC), o projeto CineKombi Indígena apresentado pelo coletivo As Cercanas da Patarriba trouxe para a pauta os conflitos territoriais existentes no seu estado, convidando lideranças indígenas e debatendo formas de apoio, como no relato a seguir:

Em parceria com o CineDebate da Rádio comunitária Campeche, exibimos o filme *Índio Cidadão* e contamos com a presença de Flora Guarani-Kaiowá para o debate final, que foi muito importante, pois pode falar com propriedade sobre as últimas notícias da Demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos, formas de apoio e luta.¹²

O filme *Índio Cidadão* relata a mobilização do movimento indígena, desde a aprovação das suas pautas na Assembleia Constituinte, como o reconhecimento à autodeterminação e ao direito originário sobre as terras tradicionalmente ocupadas por povos indígenas, até a ocupação do Congresso por militantes de diferentes etnias para barrar a votação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215/00. Os indígenas Guarani da TI Morro dos Cavalos, por sua vez, vem sofrendo contestações judiciais sobre a demarcação de sua terra, ainda não homologada, primeiramente por posseiros e depois pelo próprio estado de Santa Catarina. Em 2017, a tensão na região estava ainda mais acentuada (PIRES, 2017).

¹² Relatório de ações apresentado pelo coletivo As Cercanas da Patarriba, de Florianópolis (SC).



Considerações finais

O realizador Divino Tserewahú Tsereptsé explica que a diferença entre o olhar indígena e o não indígena proporciona resultados completamente diferentes nas produções feitas *sobre* os indígenas e *pelos* indígenas e mais que isso, *para* indígenas:

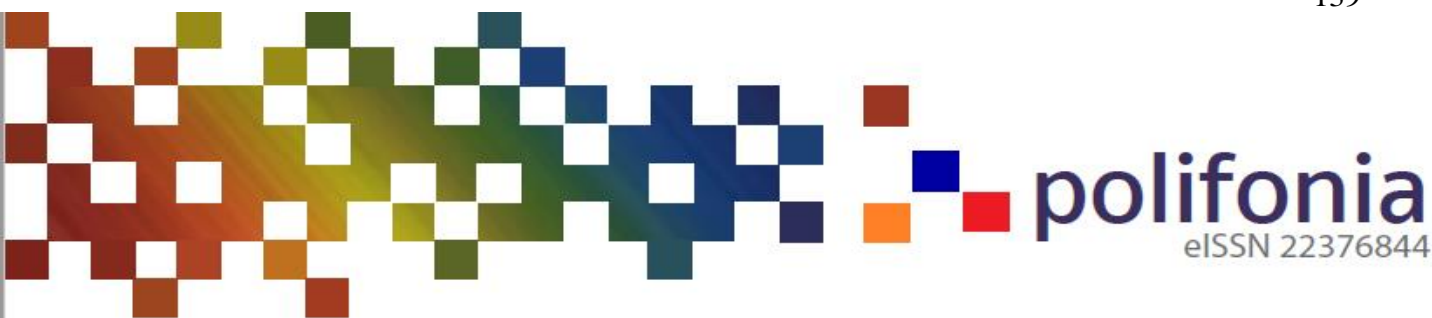
Cinema xavante é aquele que o xavante faz. Ele faz a filmagem e monta. O cinema xavante é o filme feito para mostrar para a própria comunidade. O cinema xavante não pode ser traduzido nem legendado, porque já é na nossa própria língua. Agora, o cinema para não-indígena já é outra coisa, aí tem que ser traduzido, bem trabalhado e a história deve ser bem contada. (TSEREPTSÉ, 2016)

Seu testemunho expõe as diferenças na produção audiovisual realizada por indígenas de acordo com o seu público alvo. Também deixa evidente a intencionalidade do realizador indígena de conectar-se e atingir o público não indígena. O cinema indígena se apresenta não apenas como uma janela para que os não indígenas conheçam como vivem os Xavante, mas também como estes constroem sua sociabilidade, seu pensamento e sua cosmologia.

Costa (2019) propõe que diferentes iniciativas protagonizadas por agentes indígenas no campo do audiovisual, edificam a percepção de um cinema que transborda a constituição mesma da imagem, cuja representação simbólica e política está além dos limites do quadro fílmico, e busca evidenciar que:

A apropriação dos meios de comunicação, sobretudo, os de produção audiovisual, emergem como canais expressivos para a preservação da memória coletiva, autodeterminação e afirmação cultural. Na luta por territórios e pela defesa de direitos sociais, lideranças de diferentes etnias agem, estrategicamente, no sentido de tornar o audiovisual um dispositivo relevante na paisagem das disputas políticas. (COSTA, 2019, p. 91).

Os depoimentos extraídos dos relatórios demonstram a assertividade desta estratégia, uma vez que as produções audiovisuais exibidas provocaram nos espectadores o estranhamento, o debate, a empatia e o interesse sobre as questões que permeiam a temática indígena.



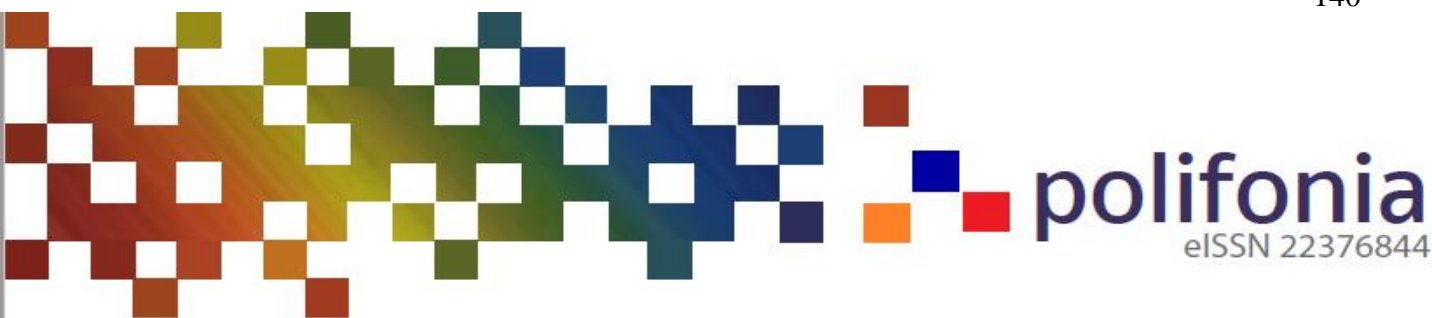
Concebido como uma ação regional e divulgado principalmente nos meios locais, além do site nacional da Funai, o projeto *Cinema nas aldeias xavante: ver, ouvir e debater*, ganhou uma dimensão que surpreendeu os organizadores. A demanda pelo acesso à caixa com a coletânea de filmes se materializou através da grande procura advinda de todas as regiões brasileiras e de públicos com os mais diferentes perfis. No entanto, é possível considerar que as instituições, em especial as escolas, não estavam tão interessadas na cultura xavante em si, mas em ter materiais de apoio para conseguir cumprir a Lei nº 11.645.

Se, de um lado, esse estudo não alcançou informações suficientes para afirmar se há carência de material didático/pedagógico sobre os povos indígenas ou se há dificuldade de acesso a eles pelas instituições de ensino, de outro, se mostrou evidente o interesse das escolas em conseguir materiais de qualidade para trabalhar essas questões nas salas de aula. De fato, este projeto não visava suprir esta lacuna, mesmo porque, como já explicado, a distribuição para fora das aldeias foi uma consequência e não um objetivo inicial do projeto. E nunca é demais reiterar que a Coordenação Regional Xavante não participou na produção dos filmes distribuídos, tendo somente feito contato para autorização junto aos diretores para a sua distribuição, primeiramente nas aldeias, e posteriormente, para demais instituições.

Quanto ao formato, foram relatadas falhas na reprodução de algumas das cópias enviadas. O relatório do Centro Universitário Monte Serrat de Santos (SP) apontou ainda a qualidade inferior dos DVDs, gravados em resolução padrão (SD), quando comparado às opções no formato de alta resolução (HD ou Full HD). Acompanhamos a sua recomendação para que ações deste tipo sejam feitas através de compartilhamento digital, opção mais barata, com logística facilitada e que proporciona melhor qualidade de reprodução.

A boa nova é que já existem atualmente diversos portais para baixar ou exibir filmes, como o projeto Vídeo nas Aldeias,¹³ que, além de pioneiro na formação de

¹³ Os filmes desta produtora podem ser acessados no site: <http://videonasaldeias.org.br/loja>



cineastas indígenas, também é detentor de um rico acervo de filmes indígenas.¹⁴ Para os muitos locais no Brasil que não possuem acesso a uma boa internet para baixar filmes em qualidade HD, a distribuição física ainda é mais indicada, mas podem ser usadas mídias mais adequadas, como um *pen drive*.

Vale ressaltar uma observação que evidencia o caráter particular dessa iniciativa, empreendida por uma das autoras deste artigo. Parece-nos ponto passivo que, se não fosse como consequência do interesse e da dedicação pessoal, este projeto não teria sido iniciado nem tido continuidade. Por um lado, é importante que as instituições deem suporte e autonomia para as iniciativas propostas de forma descentralizada por servidores nas chamadas “pontas”, por outro, se as ações são descoladas de um direcionamento institucional, elas podem se perder facilmente. Ao mesmo tempo, correm o risco de se tornarem “personalizadas” na figura do servidor e não entendidas como política da Instituição, nem dentro e nem fora desta.

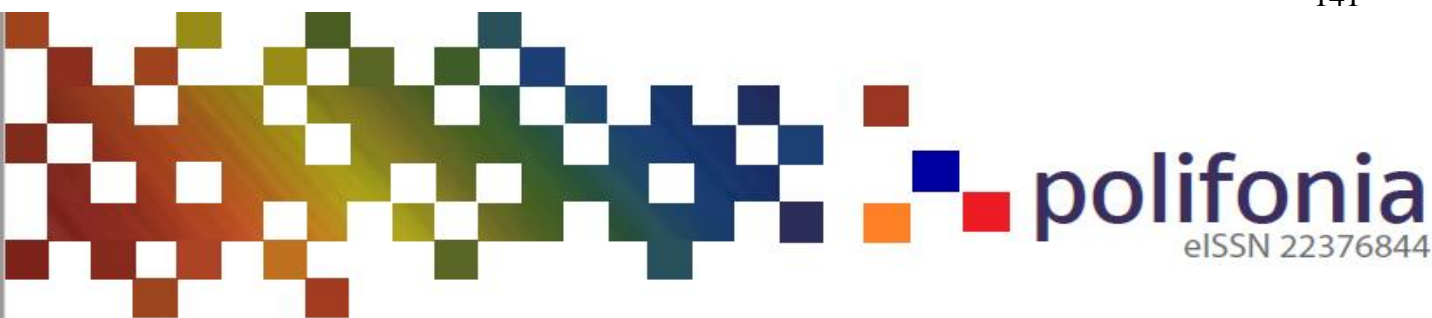
Ironicamente, o projeto aqui apresentado foi gestado justamente pela ausência de chamada interna a projetos culturais da Funai no ano de 2017. Se foi possível neste caso transformar essa lacuna em uma atividade efetiva, praticamente sem custos para a Instituição, não se pode esperar que esta seja a tônica das políticas públicas institucionais.

Neste sentido, vale ressaltar que a Funai tem experimentado uma diminuição no orçamento destinado às ações ditas finalísticas, ou seja, que incidem diretamente na atuação junto aos povos indígenas. Em seu site, o próprio órgão conclui que

Em consequência da limitada dotação, a Fundação vem logrando apenas garantir o funcionamento mínimo das unidades administrativas, e alcançando a lamentável condição de atender apenas as emergências, sem qualquer chance de expansão e avanço significativo nos resultados da política por meio de sua atuação. (FUNAI, 2013, p. 23).

No âmbito da promoção do patrimônio cultural indígena, os recursos orçamentários vêm se reduzindo ano a ano, segundo o Instituto de Estudos

¹⁴ A plataforma Videocamp também tem um acervo de produções indígenas e pode ser acessado no site: (<https://www.videocamp.com/pt/movies?query=indigena>)



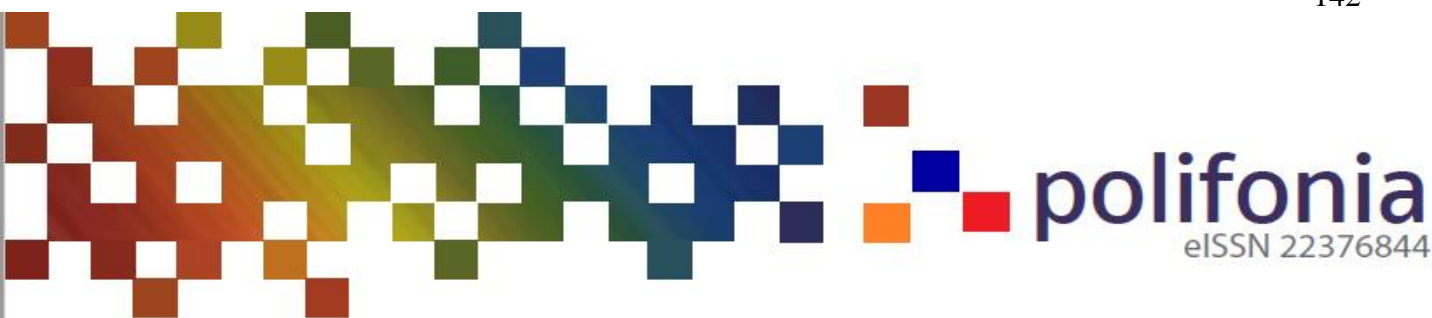
Socioeconômicos (INESC) (ZIGONI et al., 2019). O estudo citado aponta que, de 2016 a 2018, os recursos direcionados para a ação orçamentária Preservação Cultural dos Povos Indígenas caíram quase pela metade (de 7,40 para 3,80 milhões de reais). Com o contingenciamento estabelecido pelo Executivo, em 2019, este valor chegou a 440 mil reais (*idem*). Tal redução se reflete diretamente no apoio do Museu do Índio a projetos culturais como este. Se em 2015, cada Coordenação Regional poderia apresentar um ou mais projetos no valor de até 30 mil reais cada, em 2017, não houve chamada e, em 2019, o valor total destinado para cada Regional caiu para 10 mil reais.

Por fim, é notável que, através de uma ação simples, que não contou com recursos financeiros diretos, a produção audiovisual sobre o povo Xavante passou, de forma capilarizada, pelos mais diversos locais do Brasil. Mostras de Cinema Xavante foram realizadas pelos diferentes estados brasileiros, proporcionando que professores e alunos debatessem sobre a cultura indígena a partir da ótica xavante. Dos 27 relatórios recebidos, nota-se a realização de atividades ao mesmo tempo simples e concisas, com grande poder de gerar sensibilização e debate. Iniciativas como esta, direcionadas para povos e regiões específicos, podem propiciar acesso a materiais de apoio úteis tanto para educadores, no contexto da educação escolar indígena, quanto para docentes que estão longe das aldeias, mas que desejam trabalhar a história e cultura das diversas etnias indígenas nas suas aulas.

Referências

COSTA, G. M.; GALINDO, D. Produção audiovisual no contexto dos povos indígenas: transbordamentos estéticos e políticos. P. 21-48. In: DELGADO, P. S.; JESUS, N. T. (Orgs). *Povos Indígenas no Brasil: perspectivas no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual*. Curitiba: Brazil Publishing, 2018.

COSTA, Gilson Moraes da. *A'uwẽ hõimanadzé: práticas de resistência na produção audiovisual Xavante*. 255 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.



EICHHOLZ, G. L.; GRANDO, B. S. Formação de professores para a interculturalidade: reflexões a partir da implementação da lei 11.645 nas escolas de Cuiabá. *Revista Fórum Identidades*. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 08, v. 16, p. 12-30, 2014.

IDIORIE, S. M. Comunicação A'uwẽ Uptabi/Xavante – Descendentes de Apowẽ. P. 101-119. In: DELGADO, P. S.; JESUS, N. T. (Orgs). *Povos Indígenas no Brasil: perspectivas no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual*. Curitiba: Brazil Publishing, 2018.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). Política indigenista. Brasília: *Portal da Funai*, 25 p., 2013. Disponível em: <<http://funai.gov.br/index.php/nossas-acoess/politica-indigenista?start=22>>. Acesso em: 10 Jul 2020.

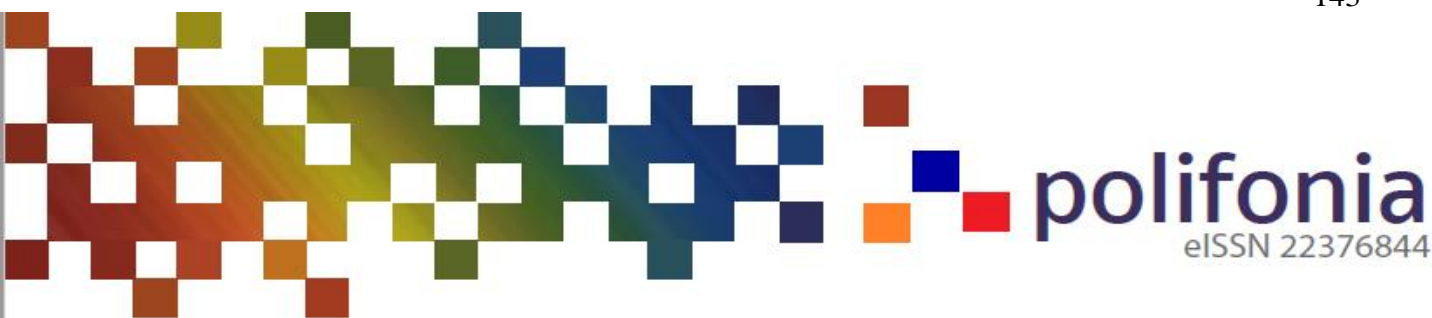
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). "Cinema nas Aldeias Xavante" leva filmes, lazer e reflexão para a Terra Indígena Parabubure (MT). Brasília: *Portal da Funai*, 2015. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3460-cinema-nas-aldeias-xavante-leva-filmes-lazer-e-reflexao-para-a-terra-indigena-parabubure-mt>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). Funai em Barra do Garças, MT realiza Mostra de Cinema Xavante. Brasília: *Portal da Funai*, 2016. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/4025-funai-em-barra-do-garcas-mt-realiza-mostra-de-cinema-xavante?highlight=WyJ4YXZhbmlRlml0>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). *Chamada para Aquisição Gratuita da Caixa de DVDs Indígenas "Cinema Nas Aldeias Xavante: Ver, Ouvir e Debater"*. Brasília, 2017a. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2017/06-jun/Editalchamadacaixafilmesxavante.pdf>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). *Resultado Final da Chamada para Aquisição Gratuita da Caixa de DVDs Indígenas "Cinema Nas Aldeias Xavante: Ver, Ouvir e Debater"*. Brasília, 2017b. Disponível em: <<http://www.uenf.br/dic/ascom/wp-content/uploads/sites/4/2017/07/Videos-xavante-resultado.pdf>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

JESUS, N. T.; MOREIRA, B. D. Comunicação e Cultura: Dimensão pedagógica das narrativas indígenas em audiovisual. P. 81-98. In: DELGADO, P. S.; JESUS, N. T. (Orgs). *Povos Indígenas no Brasil: perspectivas no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual*. Curitiba: Brazil Publishing, 2018.



LIMA, M. E. O.; FARO, A.; SANTOS, M. R. A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 219-228, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000100219&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Jul. 2020.

MILANEZ, F.; SÁ, L.; KRENAK, A.; CRUZ, F. S. M.; RAMOS, E. U.; DE JESUS, G. S. Existência e Diferença: O racismo contra os povos indígenas. *Rev. Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 2161-2181, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdp/v10n3/2179-8966-rdp-10-03-2161.pdf>>. Acesso em: 11 Jul. 2020

MUNDURUKU, D. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 1ª ed., 2012.

PIRES, V. Campanha de políticos acirra conflitos na Terra Indígena Morro dos Cavalos (SC). Brasília: *Instituto Socioambiental*, 2017 30 Nov. 2017. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/campanha-de-politicos-acirra-conflitos-na-terra-indigena-morro-dos-cavalos-sc>>. Acesso em: 09 Jul. 2020.

RIBEIRO, M. T. Cinema Xavante enquanto resistência. Cuiabá: *Diário de Cuiabá*, 2016. DC Ilustrado. Edição nº 14621, 30 Nov. 2016.

TSEREPTSÉ, D. T. Divino Tserewahú: “O cinema para o povo xavante é uma memória que não acaba”. [Entrevista cedida a Maíra Ribeiro]. Cuiabá: *Diário de Cuiabá*, 2016. DC Ilustrado. Edição nº 14621 30/11/2016. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/172496>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

VALENTE, R. C. Mostra de Cinema Xavante: identidade indígena e a sétima arte. Rio de Janeiro: Museu do Índio, s/d. Disponível em: <<http://museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/980-mostra-de-cinema-xavante-identidade-indigena-e-a-setima-arte>>. Acesso em: 30 Nov 2019.

ZIGONI, C.; MANHAS, C.; SARAIVA, L.; GERBASE, L. *Contingenciamento: quais setores sofreram cortes de orçamento?* Brasília: INESC, 16 Jul 2019. Disponível em: <<https://www.inesc.org.br/contingenciamento-quais-setores-sofreram-cortes-de-orcamento/>> Acesso em: 09 Jul 2020.